



## Aspectos representativos da memória e do espaço na construção identitária: uma análise do romance *Formas de voltar para casa*

Fernanda dos Passos Capparelli<sup>1</sup> (IC)\* fernandacapparelli@hotmail.com, Adolfo José de Souza  
Frota (PQ)

UEG-Câmpus Cora Coralina - Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura, Centro, CEP: 76600-000, Goiás –  
GO, Tel: (62)3936-2161 / 3371-4971 / (62) 3936-2160, e-mail: dir.goiias@ueg.br,  
website: www.coracoralina.ueg.br

**Resumo:** Objetivamos, nesta pesquisa, conceituar memória e espaço associados ao tempo e à construção identitária. Para compreendermos esses temas, faremos uma breve abordagem a respeito da memória. Da mesma forma, faremos um breve estudo acerca do tema: espaço. Ambos ligados a identidade. A partir dessas compreensões, analisaremos as relações destes conceitos no romance *Formas de voltar para casa*, o qual relata experiências de um personagem, que narra a própria história por meio de recordações da infância. Para tanto, a pesquisa se apoiou em um referencial teórico que fará um resgate das teorias clássicas da memória, como o de Jean-Pierre Vernant (2002), que expõe a valorização da memória na Grécia antiga, Platão (2004) e Santo Agostinho (2004), que discutiram a teoria da reminiscência. E também em autores que discutiram os temas na modernidade, como Michael Pollak (1992) e Jacques Le Goff, que contribuíram para o esclarecimento da importância e das ligações entre memória, espaço e identidade. Para a discussão espacial utilizamos Yi-Fu Tuan (1983). Já para o fator identidade, nos apoiamos em Benhur da Costa (2005) e Zygmunt Bauman (2005). Com a evolução da pesquisa conseguimos compreender a representatividade da memória associada ao espaço na construção e preservação da identidade.

**Palavras-chave:** Memória. Espaço. Identidade. Formas de voltar para casa.

### Introdução

Para a compreensão do tema da memória e de sua importância, iniciaremos pela Grécia antiga. Conforme Jean-Pierre Vernant (2006), os gregos antigos, por não terem ainda inventado a escrita, utilizavam métodos de pré-escrita para que a memória não fosse perdida, como as histórias memorizadas e contadas oralmente. Assim, podemos perceber a grande relevância da preservação da memória, ainda em séculos anteriores, ao ponto de existir uma divindade dedicada à esta faculdade, Mnemósine, que inspirava os aedos (os cantores dessas histórias) no sentido de lhes conceder o dom da memória dos feitos heroicos. Por esse motivo, essa deusa foi extremamente importante para os gregos, por ter um poder considerado essencial

REALIZAÇÃO

PRG  
Pró-Reitoria de  
Graduação

PRP  
Pró-Reitoria de  
Pesquisa e  
Pós-Graduação

PRE  
Pró-Reitoria de  
Extensão, Cultura e  
Assuntos Estudantis



Universidade  
Estadual de Goiás



para eles. Deste modo, as filhas de Mnemósine se tornaram as musas de diversas artes, sendo que Calíope se tornou a musa da epopeia clássica.

Da mesma forma que a memória era um elemento da mitologia grega, o esquecimento, que é oposto desta faculdade, ganhou status mitológico, ou seja, os gregos atribuíam o esquecimento à influência de um rio, o Lete, que todas as almas que iam para o Hades tinham que atravessar após a morte. O contato com esse rio fazia com que as almas perdessem todas as memórias da vida na terra.

Além da crença na deusa da memória, os gregos discutiram, filosoficamente, o seu papel. Em “Fédon”, por exemplo, Platão (2004, p. 135-140), através de Sócrates, afirma que o conhecimento de tudo ocorre no mundo espiritual, o único lugar onde realmente se adquire conhecimento. De acordo com o filósofo grego, no mundo sensível, ou seja, no mundo material, o homem apenas se recorda daquilo que experienciou no mundo das Ideias, já que a sua tese versava sobre o saber que só era adquirido na espiritualidade e estava apenas latente no homem, e que a memória estava fortemente ligada à busca pela identidade.

Séculos depois, o filósofo cristão Santo Agostinho (2004, p. 266-272), que em uma reformulação da teoria do conhecimento platônico, destaca que a memória é como algo retido em nosso inconsciente, que pode ser acordado ou revisado a qualquer momento. Para o filósofo, no momento da criação Deus concede conhecimentos aos homens, que de acordo com a necessidade deles, e com estímulos, são recordados no decorrer da vida.

Em ambos os filósofos, é possível percebermos a importância da memória como fonte de conhecimento, inclusive do conhecimento da própria identidade, que é formada a partir da relação que a alma tem, ou com o mundo das Ideias (Platão) ou com o seu próprio criador (Santo Agostinho).

Deste modo, partimos para o fator identidade, que associado à memória, é perceptível o modo como o primeiro é construído a partir de relações sociais, dependendo dos grupos de convívios que temos ao longo da vida, como afirma Benhur da Costa (2005, p. 83), que explica ser a identidade “um processo reflexivo construído por relações sociais”. Além do fator social, é possível compreendermos que a identidade se constrói a partir da memória. Conforme escreve Jacques Le Goff (2003, p. 469): “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar



identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. Ou seja, a memória, individual ou coletiva, é grande influenciadora na construção identitária dos indivíduos. De acordo com Michael Pollak (1992, p. 204), é possível compreendermos que a memória é, também, a construção e preservação da nossa identidade, ou seja, perder a memória seria o mesmo que perder a nossa identidade, perder tudo que foi construído ao decorrer da vida.

Ainda, a respeito do conceito de identidade, Bauman (2005) sinaliza que é condição da vida moderna, ou pós-moderna, que as identidades não sejam permanentes, mas que estejam em constante movimento, ao passo que “poucos de nós, se é que alguém, são expostos a apenas uma comunidade de ideias e princípios” (BAUMAN, 2005, p. 19). Isto quer dizer que as identidades não são fixas e unitárias, mas fluídas e complexas, tendo em vista, principalmente, a multiplicidade das relações sociais.

Já Yi-Fu Tuan (1980, p. 66) adentrando o tema espaço, descreve que o espaço é tão importante para os seres humanos porque, além de ser uma necessidade biológica, é também uma necessidade psicológica, um requisito social, e até mesmo um atributo espiritual. Sendo assim, podemos compreender que o espaço ligado a memória tem um grande valor sentimental, aquilo que Yi-Fu Tuan (1980, p. 5) intitula por topofilia: “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal”. Deste modo, compreendemos que a topofilia é a ligação entre um espaço e um sujeito antropológico, tendo este local um valor simbólico para o indivíduo.

## Resultados e Discussão

Ao decorrer da pesquisa, que iniciou-se no dia 1º de agosto de 2017, realizamos leituras teóricas sobre os temas memória e espaço e a ligação destes conceitos com o fator identidade. Por meio das leituras realizadas, podemos identificar estes conceitos no romance *Formas de voltar para casa*, do autor chileno Alejandro Zambra. Na narrativa memorialista de Zambra, é explorada uma história contextualizada em um período de ditadura, em que havia opressão e medo, porém,



no primeiro momento ela é abordada sob o ponto de vista de um garoto, que une vivências de seus 7 a 13 anos de idade, e que, inocentemente, não compreendia a conjuntura política em que vivia, fato que é evidenciado quando o garoto diz não gostar de um determinado ditador por ele causar aborrecimentos ao interromper a programação da TV, com pronunciamentos.

Anos depois o personagem rememora as experiências que viveu na ditadura de Pinochet, ao regressar ao país de origem (Chile), retomando algumas memórias guardadas, possibilitadas pelo espaço em que viveu no Chile. Deste modo, o personagem inominado resgata lembranças e tem um confronto entre sua identidade da infância e a do homem que ele se tornou na fase adulta, fazendo descobertas de si mesmo e tentando retomar coisas do passado. Isto pode ser demonstrado com as experiências narradas pelo personagem, como no momento em que ele compartilha memórias com uma amiga da infância (Cláudia). Ao voltarem ao local rememorador (Chile) ambos tem um confronto entre as identidades de criança com as atuais: “Porque já não podemos, já não sabemos falar sobre um filme ou sobre um livro; chegou o tempo em que não importam os filmes nem os romances e sim o momento em que os vimos, os lemos: onde estávamos o que fazíamos, quem éramos então” (Zambra, 2014, p. 97). Assim, podemos perceber que, ao se recordarem das lembranças da infância, eles se deparam com a própria identidade. Deste modo, ocorre um resgate de identidade dos personagens por meio das memórias.

Um personagem marcante na trajetória do personagem foi Cláudia, uma amiga com a qual ele compartilhou experiências, como a de espionar o pai da garota, a pedido dela. Roberto, pai de Cláudia e vizinho do garoto, era contra a ditadura e por isso tinha uma falsa identidade, já que se passava por tio da menina. Por esse motivo, Cláudia não morava com o pai. Então, ela se tornou amiga do menino (narrador) para investigar a vida do pai. O garoto se envolveu com Cláudia, criando, aparentemente, expectativas amorosas. No entanto, apenas anos depois, ao regressarem ao Chile, eles tiveram um rápido envolvimento, como foi desejado pelo garoto. Deste modo, eles puderam rememorar os momentos da infância. Cláudia, que se recordava com tristeza da infância, por não poder conviver com o pai na época, ao ver a casa em que morou, acionou memórias e sentimentos da infância: “A casa é agora de uma estranha cor damasco e em vez de persianas há



umas horríveis cortinas floridas. Mas nunca foi uma casa bonita; nem sequer uma verdadeira casa, diz Cláudia, com uma tristeza serena” (ZAMBRA, 2014, p. 117). Percebemos assim, que apesar de a casa ter algumas modificações, o local foi suficiente para resgatar algumas lembranças do período marcante para a garota.

## Considerações Finais

Por meio deste estudo, das leituras e reflexões acerca dos textos trabalhados, pudemos refletir sobre a relevância da memória nos meios sociais e na construção identitária dos indivíduos e como ela, associada ao espaço, concede a ele um valor simbólico e uma relação renovadora, fazendo do espaço um lugar afetivo e rememorador e resgatando identidades.

## Agradecimentos

Agradeço a UEG pelo incentivo a pesquisa e ao meu orientador deste Projeto de Pesquisa: Prof. Dr. Adolfo José de Souza Frota, pelas contribuições em discussões nas leituras realizadas e pelas orientações no desenvolvimento de nossa pesquisa.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

COSTA, Benhur Pinós da. As relações entre os conceitos de território, identidade e cultura no espaço urbano: por uma abordagem microgeográfica. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia**: Temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005. p. 79-113.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Edunicamp, 2003.

PLATÃO. Fédon. In: \_\_\_\_\_. **Os pensadores**. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

\_\_\_\_\_. República. In: \_\_\_\_\_. **Os pensadores**. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004.



POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 16 Out. 2017.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos, S.J. e A. Ambrósio de Pina, S. J. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A escritura da memória: mostrar palavras e narrar imagens. In: **Remate de Males**. Campinas, 2006. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/view/3282/2757>>. Acesso em: 20 Set. 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**. A perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

VERNANT, Jean-Pierre. Aspectos míticos da memória e do tempo. In:\_\_\_\_\_. **Mito e pensamento entre os gregos**. Tradução de Haignanuch Sarian. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 133-166.

ZAMBRA, Alejandro. **Formas de Voltar Para Casa**. 1º. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2014. 160 p.